

**Eu e meus eus: leitura e escrita de diário em uma Unidade de Internação Feminina/ *Me and my selfs: Reading and writing of journals in a Female Internment Unit***

*Flávia Karolina Lima Duarte* \*

*Rossana Viana Gaia* \*\*

*João Gonçalves Torres Filho* \*\*\*

**RESUMO**

Esta pesquisa resulta de investigação PIBIC desenvolvida em uma Unidade de Internação Feminina (UIF) com a meta de ampliar o interesse pela leitura e produção textual nas jovens que vivem em situação de encarceramento. O referencial teórico está representado pelas contribuições da leitura literária e da escrita diarista. A metodologia incluiu as seguintes etapas: (i) palestra com apresentação da pesquisa e do livro *O Diário de Anne Frank*; (ii) oficinas de leitura em horário previamente acertado com a direção da UIF; (iii) oficina para elaboração de capas dos diários; e (iv) produção textual. Os dados para análise são constituídos por gravações das oficinas de leitura e de recortes de trechos dos diários das adolescentes. A pesquisa apresentou como resultado o estímulo às práticas de leitura e escrita com o grupo participante das rodas de leitura, assim como o domínio do gênero textual diário. PALAVRAS-CHAVE: Leitura literária; Escrita diarista; Unidade de Internação Feminina

**ABSTRACT**

*This research results from a PIBIC investigation developed in a Unidade de Internação Feminina (UIF) with the goal of increasing interest in reading and text writing among young girls who live in a situation of incarceration. The theoretical framework is represented by contributions from the reading literacy and from journal writings. The methodology included the following steps: (i) lecture with presentation of the research and the book *The Diary of Anne Frank*; (ii) reading workshops which were previously scheduled with the direction of the UIF; (iii) workshop for the elaboration of the diary covers; and (iv) text writing. The data for analysis are constituted by the recordings of the reading workshops and by clippings of excerpts from the adolescents' diaries. The research presented as a result the stimulus of reading and writing practices with the participating group from the circles of reading, as well as the domain of the textual genre - diary.*

**KEYWORDS:** *Reading literacy; Journal writings; Unidade de Internação Feminina*

**1 Introdução**

Esse artigo resultou de projeto de Pesquisa de Iniciação Científica (PIBIC) realizado para incentivar a leitura e a produção textual de gêneros confessionais. Os sujeitos da pesquisa foram adolescentes, de 12 a 18 anos incompletos, em conflito com a lei que cumprem medidas socioeducativas na Unidade de Internação Feminina (UIF) de Maceió. As investigações preliminares à execução das práticas dos procedimentos metodológicos indicaram tempo

---

\* Professora do Instituto Federal de Alagoas (IFAL), campus Maceió. Mestra em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), flaviakarolinalima@gmail.com.

\*\* Professora Doutora do Instituto Federal de Alagoas. rogaia@uol.com.br.

\*\*\* Graduando em Letras/Português e pesquisador PIBIC no Instituto Federal de Alagoas (IFAL), campus – Maceió. jgoncalvestorresf@gmail.com.

expressivo de ociosidade das adolescentes e interesse na escrita regular de cartas aos familiares. Além disso, constatou-se o hábito de leitura restrito a livros religiosos, cujo acervo bibliográfico disponível na instituição, foi obtido por doações.

A escolha do gênero partiu de diálogos iniciais no grupo de pesquisa. A memória de uma das pesquisadoras sobre a sua relação com a escrita diarista na fase da adolescência foi o elemento motivador da palestra que apresentou o projeto de Pesquisa de Iniciação Científica às socioeducandas. Essa escrita foi destacada como uma comunicação intrapessoal importante no processo de reflexão e desenvolvimento. A intimidade é um espaço reservado e protegido em que se pode conservar nossos segredos e nossos “eus”, por isso desperta curiosidade.

A escolha da leitura e escrita de diários decorreu da identificação de um exemplar comemorativo de *O Diário de Anne Frank*, cuja capa reproduz a versão original do documento. Por ser uma narrativa contada por uma adolescente que estava privada da sua liberdade por motivos políticos, identificou-se que seria um livro apropriado aos sujeitos da pesquisa.

Partimos da leitura literária, por compreendemos que este livro contribui no processo de reflexão sobre os problemas sociais e culturais. A partir disso, foi proposta a escrita de diários. Esse gênero foi uma das primeiras formas de manifestação social das mulheres, que por muitos séculos viveram silenciadas. São muitos os “eus” que se reservam unicamente para a intimidade, sendo essa escrita uma espécie de revelação dos comportamentos humanos, na maioria das vezes, resguardada para os demais (CASTILLO DEL PINO, 1996, p. 24).

Diante do exposto, o objetivo dessa pesquisa PIBIC foi ampliar o interesse pela leitura e produção textual nas jovens que vivem em situação de encarceramento em uma Unidade de Internação Feminina. Para explicar o alcance desse objetivo, este artigo subdivide-se em três partes além desta introdução. Na primeira, tecemos algumas considerações teóricas sobre o ensino de literatura e sobre o gênero diário. Na segunda, são descritos os procedimentos metodológicos de coleta e geração dos dados. Por se tratar de uma pesquisa em Linguística Aplicada, em que o mais importante é a reflexão sobre o processo, nos preocupamos em detalhar esta etapa. Na terceira, apresentamos duas seções de análise: (1) sobre a visão crítica que a leitura proporcionou às socioeducandas e (2) sobre as reflexões que as adolescentes fizeram em seus próprios diários. Por fim, concluímos com algumas considerações sobre as implicações dessa proposta de ensino em um local ignorado pela sociedade.

## **2 Leitura literária**

Pensar em metodologias para o ensino da leitura literária é importante, sobretudo para grupos socialmente excluídos desse repertório. Desde a Antiguidade Clássica, conforme indica Silva (2013, p. 53) o material literário é parte da experiência humana. “Her damos o mito, a poesia, o drama, as narrativas heroicas, que foram se multiplicando em gêneros identificáveis porque recorrentemente narrados e escritos constituindo-se em matéria da memória”. As conexões entre os textos literários narrados e a própria vida possibilitam ampliar conhecimentos ou mesmo aprofundar o autoconhecimento.

A proposta de deslocamento do ensino de literatura, centrado no professor, para a leitura literária, cujo protagonista passa a ser o aluno, é uma das tendências do ensino na contemporaneidade (REZENDE, 2013). Existem variantes diversas que exigem do professor reflexões prévias acerca dos seus objetivos no processo de ensino. Desse modo, a identificação com a obra literária requer conhecer o grupo com o qual se trabalha o texto, suas preferências e idiosincrasias. A experiência de executar essa atividade fora da sala de aula formal foi o elemento desencadeador que permitiu o exercício com a obra integral, bem como a proposta de uma atividade escrita livre, ainda que relacionada a um gênero específico e relacionado a orientações metodológicas previamente indicadas.

A leitura de textos literários potencialmente contribui na compreensão do contexto em que estamos inseridos. Consoante com Ferrarezi Jr; Carvalho (2017, p. 23), compreende-se que ler “é ser capaz de compreender o que um texto traz, interferir criticamente nele e na realidade a partir dele, enfim, fazer pleno uso do texto como parte da vida social de uma sociedade letrada”.

A leitura só se efetiva quando é possível compartilhar o conhecimento pessoal com o outro. Isso implica que a leitura silenciosa e individual como muitos professores de literatura e escolas preconizam não é suficiente, pois a leitura literária é uma atividade que potencialmente deve ser compartilhada. Dessa maneira, a leitura envolve trocar sentidos tanto entre escritor e leitor quanto com a sociedade na qual estão situados, já que traduzem “compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço” (COSSON, 2006, p. 24).

Diante disto, na pesquisa, realizamos a leitura do texto literário, mas ampliamos para momentos de reflexões sobre o período histórico vivenciado por Anne Frank e suas principais marcas acerca de preconceitos e exclusão, o que possibilitou uma percepção dos “eus”, pois os

sujeitos da pesquisa evidenciaram problemas sociais em suas narrativas. Portanto, para dar continuidade à segunda etapa do projeto, escrita do gênero diário, foram investigadas as contribuições teóricas da escrita diarista, detalhadas nas próximas subseções.

## **2.1 O gênero confessional diário**

Ao considerarmos o diário como um gênero discursivo, necessariamente o entendemos inserido em dinâmicas próprias que integram estatuto social e histórico, com fins comunicativos. O diário pessoal, assim como cartas pessoais e a autobiografia, integra o domínio discursivo interpessoal (MARCUSCHI, 2008, p. 196). Do ponto de vista histórico, o diário íntimo inicialmente se caracteriza em oposição às confissões, já que estas seriam definitivas, enquanto a escrita diarista seria uma tipologia sem fim determinado. Aqui reside uma das complexidades do objeto, pois “está sempre a recomeçar e a terminar” (GUIMARÃES, 1987, p. 50).

Ainda que o nome diário indique a pretensão de uma escrita que precisa ser feita todos os dias, verificam-se lacunas em diários convertidos para a versão de livros, como o próprio *Diário de Anne Frank*, trabalhado na parte empírica da pesquisa (FRANK, 2013).

Nem sempre existiram cadernos prontos para serem utilizados como diários. Havia as folhas de papel que eram encaminhadas, a partir do século XVI, a uma oficina de impressão, responsável pela ligação das páginas, o que possibilitaria uma escrita contínua em suporte adequado. Essa prática ocorre até o século XIX, mas destaque-se que a organização própria de agrupamento das páginas tinha como objetivo evitar que as folhas se soltassem e alterassem a ordem cronológica e sequencial dos relatos (LIMA; SANTIAGO, 2009).

Independentemente dessa estrutura, a hibridez do texto se acentua a partir do seu interior: a vida, múltipla, impede o controle pleno de uma estrutura de narrativa que se pretenda do eu. Em geral, os diários permitem identificar múltiplas narrativas internas que podem variar desde uma lista de compras, aspectos da vida pessoal e profissional, anotações sobre a religiosidade etc. Além disso, a letra pode mudar de tamanho, a cor da tinta pode ser diferenciada, a página pode ter colagem ou ilustração, os registros de dias diferenciados e fora de cronologia podem romper com a linearidade prevista no suporte, enfim: no diário, como na vida, tanto a imprevisibilidade de forma quanto o conteúdo se acentuam (LIMA; SANTIAGO, 2009).

Considerando que os fatos narrados no diário se aproximam temporalmente, na maior parte dos casos, de quem realiza o relato, as sensações e os sentimentos não passam pelo crivo do tempo, tal qual se verifica nas confissões ou nas memórias. Do ponto de vista da teoria do gênero, o diário é considerado um livro doméstico e sua maior característica e qualidade está no imprevisto do relato, na instantaneidade do pensamento e no detalhamento de intimidades que, normalmente, não seriam verbalizados. A escrita do diário é reflexiva por ter essa continuidade que favorece desenvolver o pensamento acerca das próprias ações (GUIMARÃES, 1987).

Outra qualidade do diário, quando utilizado como objeto de estudo, é a possibilidade de compreensão a um tipo de memória acerca de noções paradigmáticas relacionadas aos afetos e que identifica acontecimentos de uma determinada época, formas de linguagem e de comportamentos. Ainda que a ciência tradicional questione a escrita de si pela sua possível indicação de aspectos distorcidos da realidade, a atenção a esse tipo de narrativa possibilita aos estudiosos compartilhar uma percepção possível acerca de “sensibilidades, as impressões sobre o lazer, sociabilidade, festas, cinema, ou seja, aspectos da vida cotidiana que não estão presentes nos documentos oficiais” (MILAN, 2016, p. 169).

A publicação de diários íntimos em formato de livro é considerada um estranhamento em sua gênese, já que, do ponto de vista formal, a escrita do eu é feita sem interlocutor, a não ser o próprio sujeito produtor do discurso, pois confissões diaristas são registros de opiniões interditas no âmbito público. No entanto, sempre houve interesse para esse tipo de escrita, visto que o diário possibilita a compreensão de aspectos reveladores da existência de uma pessoa, nem sempre conectada à parte outrora revelada da sua história de vida no cotidiano. Sendo assim, trata-se de gênero textual que acrescenta informações complementares acerca de uma existência e, de modo extensivo, contribui para entender uma determinada época e sociedade (COUTINHO, 2005).

### **3 Procedimentos metodológicos de coleta e geração de dados**

Esta pesquisa, de caráter qualitativo, foi desenvolvida na Unidade de Internação Feminina (UIF) de Maceió, uma das instituições responsáveis pela aplicação da medida socioeducativa em Alagoas. A UIF é um estabelecimento educativo que abriga adolescentes de 12 até 18 anos incompletos. A instituição recebe jovens que estão em conflito com a lei, em

privação de liberdade, mas possuem acesso a atividades educativas, incluindo a escolarização regular ofertada através da Escola de Educação Básica Educador Paulo Jorge dos Santos Rodrigues que adentra os muros das instituições socioeducativas no Estado e contribui no processo de socialização das adolescentes.

Além disso, há outras atividades educativas, como práticas artesanais e religiosas, que possibilitam novas aprendizagens às alunas internas. Demos início à pesquisa depois de conhecer o local e com um documento de autorização assinado pelos gestores do IFAL, da UIF e do Juizado da Infância da Capital, que responde legalmente pelas adolescentes.

O primeiro contato com as adolescentes da UIF foi em setembro de 2016, através da exposição do resumo do livro *O Diário de Anne Frank* e do ensino das principais características do gênero textual diário. Durante essa apresentação, foi combinado com as adolescentes que a partir de então a UIF seria o equivalente ao *anexo*, fazendo referência ao esconderijo de Anne e sua família.

Após esta apresentação que visou motivar a leitura do livro de Anne Frank, solicitou-se a produção textual relacionada à memória de um acontecimento importante que ocorreu antes de estarem internas na UIF. A principal motivação para o texto era o relato livre, sem preocupações iniciais quanto à forma e à estrutura, mesmo assim as adolescentes transcreveram suas lembranças seguindo a forma do gênero textual diário.

Essa relação com a escrita íntima foi perceptível em todas as etapas propostas, incluindo o momento de apresentarem relatos memorialísticos, no dia da apresentação do projeto, quando dialogaram e refletiram acerca de assuntos sofridos como uso de drogas, homicídio, óbito de um filho após o parto prematuro e sexualidade, entre outros temas:

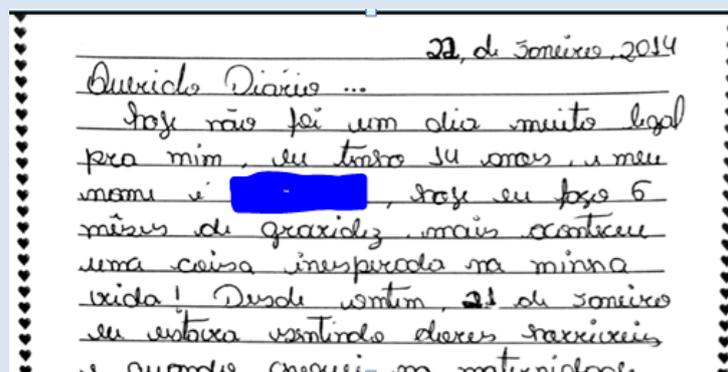


Ilustração 1 - Fragmento da primeira produção textual  
Fonte: Acervo dos pesquisadores, 2016.

Um dos procedimentos metodológicos propostos foi que as alunas poderiam fazer a escrita de alguma memória relevante, antes de estarem na UIF. Verificaram-se relatos pessoais expressivos, como o dia em que uma das adolescentes sofreu um aborto (II. 1). Ressalta-se que ela fez questão de recordar a data da tragédia (22/01/2014). A meta foi estimular as adolescentes para o desenvolvimento da escrita. Essa ação inicial nos indicou o quanto podem ser relevantes pesquisas com ênfase nos processos da linguagem e que trabalhem com a escrita pessoal, sem necessariamente estar vinculada a normas padrões do uso da língua.

Em seguida, todas as doze adolescentes internas foram convidadas a participar da pesquisa de forma voluntária, das quais seis aceitaram. Posteriormente, quando o contato com as adolescentes se tornou regular, verificou-se que as demais negaram por vergonha de não saber ler e escrever.

A partir desse momento, desencadeou-se a etapa das oficinas de leitura (II.2), importantes porque garantiu momentos de reflexão e debate acerca do livro *O Diário de Anne Frank*. Para garantir maior estímulo, a equipe de pesquisadores viabilizou, através de doações de professores, oito exemplares do livro para que as adolescentes, sempre que possível, tivessem acesso à leitura e uma maior experiência com o texto.



Ilustração 2: Oficina de Leitura  
Fonte: Acervo dos pesquisadores/2016

A princípio, definiu-se junto com as adolescentes que as oficinas de leitura aconteceriam nas segundas e quartas-feiras, após o término das atividades diárias da instituição, a partir das 19h, com uma hora de duração. Em outro momento do dia seria inviável, devido à indisponibilidade de tempo da instituição para realizar o encontro da pesquisa, já que as alunas tinham atividades a cumprir.

Para o primeiro encontro, foram demarcadas as páginas a serem lidas e cada participante poderia falar sobre o que lhe tinha chamado atenção ou apresentar dúvidas e curiosidades. Durante as oficinas foi disponibilizado pelo pesquisador, com aval da direção da UIF, um computador com acesso monitorado para pesquisas online. A proposta foi ampliar o conhecimento acerca do contexto histórico em que o livro foi escrito.

Logo após o primeiro encontro, foi necessário mudar a dinâmica da oficina, pois algumas alunas não conseguiram ler ou comentar as reflexões de sua leitura, então se decidiu coletivamente ler em voz alta cada página em cada encontro para que todas pudessem participar de forma efetiva.

As adolescentes demonstraram, desde o início da pesquisa, interesse e participação, ao questionarem sobre as motivações da perseguição dos alemães aos judeus e refletiram sobre as condições desumanas imputadas a eles durante o período da Segunda Guerra e, principalmente, acerca dos aspectos pessoais e familiares da garota Anne Frank, bem como as implicações da adolescência na narrativa. Verifique-se um exemplo nesse fragmento:

...também, né, João, essa parte que elas foram proibidas de frequentar todos os cantos, esse toque de recolher às 8h da noite é triste, assim, a pessoa viver em um lugar e não poder sair, não poder ir à praça, só poderia frequentar estabelecimentos que também pertencia esses judeus [...] (Recorte do diário de Stephanie, 18 de Set. 2016).

Após algumas oficinas de leituras, com o entusiasmo das adolescentes foi possível antecipar a realização da oficina de customização de capas, quando o grupo de pesquisadores foi à UIF para uma prática lúdica. Para tal, os pesquisadores doaram todos os materiais utilizados no local, cujos resíduos e ferramentas foram recolhidos após a produção: cartolinas, cadernos, tesouras e colas.

Sabe-se que o primeiro contato do leitor com o livro envolve a capa, o título, a contracapa e as informações nelas citadas. A oficina para personalizar cadernos em diários foi um momento de integração do grupo de pesquisadores com as participantes do estudo e teve duração de quatro horas. Duas delas selecionaram fotos especiais com a família para as capas e as demais solicitaram recortes em formato de corações, destacando a importância do afeto familiar e do amor em suas vidas.



Ilustração 3 - Oficina para personalizar capas

Fonte: Acervo da pesquisa, 2016.

O início da escrita dos diários ocorreu imediatamente após essa oficina, com produções textuais nos momentos vagos da rotina na unidade, em horários específicos, porque segundo as normas da UIF, as adolescentes têm regras para o uso de lápis, o que dificultou a produção dos diários. Conforme identificado em relatos, os momentos ideais para a escrita nem sempre coincidiam com o horário autorizado.

Posteriormente, algumas reformas no espaço físico obrigaram a suspensão das oficinas por três semanas, mas as adolescentes não pararam de escrever em seus diários e a cada encontro demonstraram mais envolvimento com a escrita e com o gênero. Depois da nona roda de leitura, uma das participantes deixou de participar da pesquisa, pois a direção da UIF recebeu o ofício do juiz da Vara da Infância no qual se determinava a sua liberação e entrega à família.

Na etapa de estudo pormenorizado de dados, foram analisadas as produções de seis adolescentes, com acesso a cinco diários e a relatos por gravação de oficinas de todas as integrantes. Para preservar a identidade das participantes foram selecionados nomes de personagens femininas que constam em *O diário de Anne Frank*: Margot, Stephanie, Sanne, Hanneli, Jacqueline e Helene.

Vale salientar que os outros três diários e muitas páginas dos diários das cinco adolescentes foram destruídos por elas devido a um problema do grupo com a equipe de segurança da unidade. Isto ocorreu porque elas estavam tão imersas no processo de escrita, que os profissionais resolveram ler os diários, sem autorização. Após a equipe de pesquisa intervir, a gestão da UIF informou que a medida foi estratégica, pois pensaram que as narrativas poderiam ajudar a resolver alguns conflitos internos entre as garotas. Isso causou desespero

para parte das meninas, visto que nos diários elas revelaram muitos segredos que não poderiam ser lidos por ninguém, afinal, tratava-se de uma escrita íntima. Para ilustrar esse envolvimento com a escrita, recortamos um trecho do diário de Margot:

Estou na aula de português, a Helene vai hoje pra casa e eu vou ficar mais outro final de semana aqui. Chega tudo menos essa liberdade. Depois da aula vou jogar queimado [...]. (Recorte do diário de Margot, 18 nov. 2016).

Conforme registro anterior, Margot estava escrevendo em seu diário durante a aula de Língua Portuguesa, ofertada pela UIF. Esse fato evidencia o envolvimento e a relação entre ela e seu diário, além de ser um dos momentos possíveis de as meninas terem acesso à escrita.

#### **4 A leitura literária: do autoconhecimento ao conhecimento crítico de mundo**

A leitura de textos envolve o conhecimento acerca dos gêneros histórica e socialmente compartilhados, bem como a própria experiência de nomear e dar sentido “ao mundo por meio das palavras que falam de palavras, transcendendo os limites do tempo e do espaço” (SOUZA; COSSON, s.d., p. 103). Uma das estratégias de motivação da leitura foi a inserção da narrativa selecionada no contexto da UIF. Ao longo das rodas de leituras semanais, as jovens produziram novos sentidos relacionados às suas vidas, o que garantiu conexão do texto com a realidade histórica de cada uma das adolescentes.

Nos diálogos durante as oficinas de leituras, duas participantes refletem em relação ao convívio familiar de Anne. Vejamos.

Ela é uma jovem sonhadora, mas ela ainda precisa muito, ela se queixa que precisa do apoio da família, do pai, ela fala que ama o pai e queria que ele compreendesse mais ela. Ela usa o diário que expressa tudo o que sente. É uma Adolescente como qualquer outra. (Fala de Jacqueline, 13 set. 2016).

Ela acha que a mãe dela dá mais valor à irmã dela, não a ela, e ela não gosta disso, critica o fato de chamar a colega de burra. (Fala de Jacqueline, 13 set. 2016).

Ela desabafa escrevendo. Sim, ela diz que tira notas boas no boletim dela, mas os pais não ficam satisfeitos como os outros pais. Ela sente uma carência de atenção dos pais. Aí eles se preocupam desde que ela esteja saudável, com o resto eles não se preocupam. (Fala de Helene, 13 set. 2016).

É possível identificar que nesse contato com o livro, mesmo que inicial, elas representam os sentimentos de Anne como seus. Na roda de conversa, Jacqueline e Helene evidenciam que a falta de apoio da família e a carência de afeto são também sentimentos delas.

Em outro encontro, as adolescentes da UIF identificaram e problematizaram questões ideológicas. Os áudios demonstraram a necessidade de compartilhar e compreender a angústia do povo judeu perseguido pelos nazistas, o que foi possível a partir de associações a conhecimentos prévios, como um filme sobre o período. Essa identificação está registrada em alguns áudios analisados:

Porque o uso da estrela e do gorro pelos judeus? (Fala de Jacqueline, 16 set. 2016).

A estrela é para identificar os judeus, de modo que outras pessoas não os ajudem (Fala do pesquisador em resposta a Jacqueline, 16.set.2016).

Porque essa guerra contra os judeus? (Fala de Helene, 16 set. 2016).

Porque os governantes alemães não gostavam dos judeus e diziam que eles deveriam ser exterminados (Fala do pesquisador em resposta a Helene, 16 set. 2016).

É igual ao filme o menino de pijama listrado, né? (Fala de Helene, 16 set. 2016).

Tem até um menino no carrossel que é judeu (Fala de Margot, 16.set.2016).

Olhando assim, a gente percebe que os judeus são tratados como bandidos. Como se eles tivessem fazendo alguma coisa errada (Fala de Helene, 16 set. 2016).

Hoje esse preconceito com as pessoas se manifesta de outro jeito: pode ser com uma pessoa negra, uma pessoa pobre, pode ser uma pessoa que não sabe falar. A história da humanidade se repete, só que de forma diferente (Fala do pesquisador em resposta a Helene, 16 set. 2016).

É mesmo! Isso é triste mesmo! (Fala de Helene, 16 set. 2016).

Nesses dados foi identificada uma leitura crítica sobre a discriminação racial dos alemães em relação aos judeus. É importante destacar que elas afirmaram nunca terem estudado a respeito desse assunto na escola e, mesmo que o assunto tenha integrado algum conteúdo disciplinar, não se recordavam. Isso favoreceu a compreensão de que a literatura ajuda a entender e a refletir sobre o mundo.

Tais questões foram evidenciadas quando Helene informou que “[...] a gente percebe que os judeus são tratados como bandidos”. Neste argumento, nota-se sua compreensão quanto

à perseguição política aos judeus. O assunto permitiu relacionar o sentido da prisão política à prisão real, o que gerou inquietações para tentar compreender o porquê da maldade humana, conforme indicam os trechos registrados.

Verificou-se também a prática intertextual em relatos sobre o livro e o filme *O menino de pijama listrado*, bem como a novela *Carrossel*. Esse exercício contínuo dialogado, possível a partir das rodas de conversas semanais, tiveram por meta debater sobre o holocausto que integra a história de Anne Frank e do povo judeu.

#### **4.1 A escrita diarista: escrever para me (auto)conhecer**

Estudar e/ou ensinar o uso da escrita como registro do “eu” implica considerar o que o sujeito escreva, desde que, na ação da escrita, seja ele próprio o objeto. Além disso, essas narrativas não estão aprisionadas a um formato único que implique, conceitualmente, início e término, sendo algumas vezes relevantes até mesmo uma página em branco, cores diferentes de caneta ou uma assinatura, tanto quanto um texto extenso (DELORY-MOMBERGER, 2008).

Nessa perspectiva, esta pesquisa teve como meta garantir autorreflexão a partir da escrita diarista, mas sem preocupação quanto a uma disciplina em particular, pois o foco principal foi possibilitar às jovens que, naquele momento, estavam em situação de encarceramento, momentos de íntima conexão com suas próprias existências. Ao mesmo tempo em que o diário é uma escrita intimista, convoca múltiplas vozes, que em parte dos dados analisado podem ser identificadas em registros sobre o/a namorado/a, os/as amigos/as, a mãe, o pai, Deus, o/a irmão/ã, o/a primo/a, destacados em alguns recortes dos diários:

A minha avaliação tá sendo construída já eu ainda não sei o que vai ser mais acho que vai ser Liberdade Assistida e eu tive visita essa semana do meu pai como sempre sozinho e ele veio Bichinho tenha pena da p\*\*\*\* do meu pai. A minha mãe quero mais que se d\*\*\*\* pra lá mesmo, homem. Paga de doida e eu nem sei porque ainda chamo essa Bicha de mãe (Recorte do Diário de Sanne, sd).

Querido Diário... Ontem não foi um dia muito bom pois queria meu amigo aqui comigo, mas não posso ter pois hoje ele é uma estrela que brilha no céu quando falo [apagou o nome do amigo com corretivo] a palavra eterno carreirinha chega dói dentro de mim [...] (Recorte do Diário de Stephanie, 03 nov. 2016)

O crime que me prendeu e tá me sufocando no calor é o mesmo que destruiu e matou meus afavor ♪. (Recorte do Diário de Hanneli, 03 nov. 2016)

Nos três recortes destacados, observa-se que as adolescentes dialogam com seus diários. Sanne reflete sobre sua vontade de receber a liberdade assistida e sobre o conflito familiar entre ela e sua mãe. Nota-se que apesar de usar um termo forte e distante para nomear sua mãe (Bicha), ao refletir sobre sua relação com ela, evidencia-se que a adolescente mantém o vínculo familiar, pois a nomeação [mãe] está evidenciada no texto.

Stephanie e Hanniele demonstraram sentimento de tristeza. Isso ocorreu, visto o contexto em que elas se encontravam: conflito com a lei. Por terem amigos envolvidos com a criminalidade, muitos deles já morreram, como “*o carreirinha*”, citado no diário de Stephanie e os “*afavor*”, no diário de Hannielli. O sentimentalismo se sobressaiu nos registros indicados um dia após a data de feriado de finados.

Considerando que todo discurso é emitido por alguém, em algum lugar, sob certas circunstâncias, a dimensão interativa na produção discursiva é ininterrupta, mesmo quando dirigida a si mesmo/a. Desse modo, na escrita diarista de si, o autor se confronta o tempo inteiro com sua própria existência, a partir de uma narrativa que seleciona consciente ou inconscientemente, o que possibilita uma construção singular de significados (MAINGUENEAU, 2004). Isso se registra no diário de Margot:

Querido Diário! Desculpa por passar esses dias sem escrever. Chegou minha resposta e peguei mais 6 meses de semiliberdade e também já faz duas semanas que a Nelma não vem me buscar<sup>1</sup>. (Recorte do Diário de Margot, destaques da adolescente, 17 nov.2016).

[...] chegou a liberdade da Hanneli graças a Deus. Estou com saudades de casa hoje é sexta e minha mãe a Nelma não deu nem sinal de vida, mas só sossego vai chegar essa liberdade! [...] nem adianta pedir mais tempo para mim, ou a coroa não vir me buscar, só sei de uma coisa: eu não vou mudar porque se tô no crime é a vida que eu gosto e ninguém pode mudar o meu gosto. (Recorte do Diário de Margot, destaques da adolescente, 18 nov.2016).

Com base nesses trechos, nota-se o conflito de Margot com sua mãe que não vai visitá-la. Esse desinteresse familiar faz com que ela se revolte, porque mesmo estando em liberdade assistida, ou seja, com a possibilidade de sair da UIF aos finais de semana, sua mãe não vai buscá-la. Essa revolta se mostra quando ela confessa que não adianta ficar mais tempo privada de liberdade, pois isso não mudará em nada suas atitudes. Além disso, o registro foi destacado

---

<sup>1</sup> Os grifos foram feitos pela autora do diário com caneta marca texto. Resolvemos mantê-los para que o leitor perceba as ênfases na escrita dela.

com marca texto no trecho que informa a vida criminosa como escolha sua e que o faz por gosto.

É possível pensar a escrita do eu como uma narrativa que transita entre a história e a ficção, já que não há controle pleno sobre o que seria falso ou verdadeiro (LE GOFF, 1996, p.29). Mesmo na história oficial, é preciso ponderar que há uma circulação de dupla narrativa: “a da memória coletiva e a dos historiadores”. Além disso, a memória opera, continuamente, conceitos acerca da autoimagem (*self-image*) e do/s grupo/s que integramos. O mérito do trabalho com a escrita diarista, na nossa perspectiva, está em garantir voz autônoma às jovens em conflito com a lei, ou no dizer do historiador, é a possibilidade de garantir a palavra “aos esquecidos da história[...]” (LE GOFF, 1986, p. 50).

## 5 Considerações

A roda de leituras com as adolescentes na Unidade de Internação Feminina, propiciou-lhes momentos de reflexão sobre o contexto em que Anne Frank estava inserida: a perseguição dos nazistas aos judeus e sobre o contexto das adolescentes, em que o preconceito de classe social é vivenciado. Ademais, ressalta-se que por meio da leitura desse diário, as adolescentes associaram as angústias familiares de Anne com as suas.

Em relação à escrita dos diários pelas adolescentes, consideramos que os resultados foram satisfatórios, porque elas se envolveram nesse processo de escrita do “eu”. Primeiramente, destacamos que assimilaram a estrutura do gênero textual diário, mesmo sem ter existido a cobrança pela tipologia textual, pois, a exceção de uma, todas colocaram as datas, relataram suas ações cotidianas e ao final se despediam do diário. Em segundo lugar, o resultado mais importante no processo de escrita dos diários, foi que elas realmente refletiram sobre os problemas que rondam os seus pensamentos, como, por exemplo, morte de amigos, conflitos familiares e a vontade de continuar no mundo da criminalidade.

Ainda sobre a escrita dos diários, a interferência da equipe gestora dificultou, em parte, o andamento desta pesquisa. Os dados foram salvaguardados apenas porque as adolescentes consentiram com a liberação parcial e paulatina de registros dos seus textos durante as oficinas. Mesmo assim, esse acontecimento foi importante, pois demonstra que a trajetória da pesquisa, propiciou às adolescentes o envolvimento real no processo de leitura e de escrita. Diante disto, ressalte-se que pesquisadores com ações em locais de encarceramento precisam ter atenção na

coleta imediata dos dados, já que existem variáveis de controle interno que podem afetar os procedimentos metodológicos.

Por fim, consideramos a necessidade de se desenvolver mais pesquisas nesse contexto de privação de liberdade, posto que com o processo de ensino de leitura e escrita, é possível ampliar o interesse pelo estudo e estimular o desenvolvimento intelectual que favoreça a escrita diferenciada nas páginas de seus diários, com um futuro diferente.

## REFERÊNCIAS

CASTILLA DEL PINO, C. Teoría de la intimidad. In: *Revista de Occidente* nº 182-183. Madrid: jul/ago. 1996. p.15-30

COSSON, R. *Letramento literário: teoria e prática*. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

COUTINHO, M. C. Um toque de voyeurismo. In: *Physis: Revista Saúde Coletiva*. Rio de Janeiro, 15 (2): 285-303, 2005. Disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312005000200006&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-73312005000200006&script=sci_abstract&tlng=pt) >. Acesso em: 05.jul.2017.

DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2008.

FRANK, Anne. *O Diário de Anne Frank*. Edição integral. 35ª Ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

GUIMARÃES, J. U. A. *Graciliano Ramos e a fala das memórias*. Maceió: Ediculte/Seculte, 1987.

LE GOFF, J. *História e memória*. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1996.

LIMA, N. L.; SANTIAGO, A. L. B. Do diário íntimo ao blog: o sujeito entre a linearidade e a espacialidade. In: *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Vol. IX, nº 3. Fortaleza: set. 2009. p. 939-962. Disponível em:<[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1518-61482009000300009](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482009000300009)>. Acesso em: 05.jul.2017.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2004.

MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

MILAN, L. P. Escrita de si e diários: Construções do gênero diante de paradigmas sócio-culturais. In: *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. RBHCS. v. 8, nº 15, jul. 2016. p. 154-172. Disponível em:< <http://dx.doi.org/10.14295/rbhcs.v8i15.382> >. Acesso em: 05.jul.2017.

REZENDE, N. L. de. O ensino de literatura e a leitura literária. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p 99-134.

SILVA, M. C. da. A leitura literária como experiência. In: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (orgs.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p 51-65.

SOUZA, R.; COSSON, R. Letramento Literário: Uma proposta para sala de aula. [UNIVEST].  
In: *Conteúdo e didática de alfabetização*, p. 101-106. Disponível em:

< <http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40143/1/01d16t08.pdf>>. s.d.  
Acesso em: 28.out.2016.

Recebimento: 28/09/2017

Aceite: 13/11/2017